

FOLHA DE S. PAULO

Um jornal a serviço do Brasil ★ ★ ★

Publicado desde 1921

Propriedade da Empresa Folha da Manhã S.A.

Director de Redacção: Otavio Frias Filho

Conselho Editorial: Boris Casoy, Luiz Alberto Bahia, Rogério César de Cerqueira Leite, Osvaldo Parahy, Marcelo Coelho, Roberto Macedo, Carlos Alberto Longo e Otavio Frias Filho (secretário)

Liberais de ocasião

A emergência do chamado "Centrão" na cena política se fez acompanhar de manifestações otimistas diante da perspectiva de abertura, no Congresso constituinte, de um caminho inevitável no rumo da negociação, cujo resultado poderia ser um texto capaz de propiciar às instituições brasileiras um perfil moderno e renovador. Os surrados pressupostos estatizantes, populistas e xenófobos — que deixaram suas marcas na proposta da Comissão de Sistematização — seriam eliminados, preservando-se a possibilidade de uma Carta liberal, não apenas no que diz respeito às relações económicas, mas também no tocante aos temas sociais.

Não é, lamentavelmente, o que parece estar sendo gestado no plenário. O projeto apresentado pelo Centrão, embora tenha alguns méritos, revela-se, tanto quanto o substitutivo elaborado pela Sistematização, absolutamente insatisfatório em seu conjunto. Insistindo em despropósitos anteriores e "corrigindo", para pior, outros artigos — como a Folha já teve oportunidade de comentar em detalhes —, a atuação do grupo suprapartidário apenas reforça a dificuldade de articulação no Brasil de uma política efetivamente liberal. Torpedeado por "progressistas" — que preferem fundar o império do Estado e inviabilizar a iniciativa privada —, ou sabotado por centristas — que se

entregam rapidamente ao conservadorismo e acabam incidindo em tendências igualmente estatizantes — o espaço do liberalismo continua sendo ocupado ao sabor dos oportunismos e das conveniências momentâneas dos diversos grupos.

Há, por certo, razões mais profundas para explicar o fenómeno, que podem ser identificadas no processo de formação da sociedade brasileira. Mas os obstáculos gerados pelas circunstâncias históricas não são fatalidades contra as quais tudo se mostra inútil. Ao contrário, cabe aos agentes sociais ultrapassar, através de suas práticas, os entraves impostos pela tradição, abrindo novos horizontes. Este dinamismo, contudo, exige ações efetivas e articuladas por parte da sociedade civil e política.

Ainda que se tenham exemplos auspiciosos em ambas as esferas, é inevitável a constatação de que ainda está longe de ser consolidado no país um sistema de instituições no qual a fisiologia, o clientelismo, a corrupção e os privilégios pessoais sejam substituídos por valores democráticos, pelo princípio da legalidade, pelo respeito às liberdades e direitos da cidadania. As demonstrações de estreiteza política e declínio ético que partem do Congresso constituinte apenas contribuem para arrefecer as expectativas em torno da possibilidade da futura Carta influir para modificar o quadro atual.